

NOVA ABORDAGEM EM AGROECOSSISTEMAS: EPISTEME, MÉTODO E TÉCNICA PARA A TRANSIÇÃO AGROAMBIENTAL. O CASO DE SANTANA DA BOA VISTA, RS.

Borba, M.F.S.¹ & Gomes, J.C.C.²

I. Agroecossistema como abordagem para o desenvolvimento

A insuficiência dos modelos e programas de desenvolvimento tradicionais, levou a apresentação da abordagem do agroecossistema como mais adequada para enfrentar problemas como o da sustentabilidade ou da equidade na agricultura familiar. A consideração do agroecossistema é vista como o resultado da coevolução sócio-ambiental, e não como algo que decorre da aplicação da racionalidade economicista às relações entre a sociedade e a natureza, e também é aplicada ao sistema técnico-científico.

A abordagem agroecossistêmica, incorpora ao conceito de desenvolvimento a contextualização ecológica, social, cultural e histórica do local onde é aplicada. Isto obriga a repensar conceitos como os de pobreza, marginalidade, participação, cidadania, bem-estar. Nesta perspectiva, não interessam apenas as relações com o mercado ou a renda como indicadores de qualidade de vida. O ser humano não é visto apenas como um consumidor, muitas das suas necessidades ou satisfações sequer são percebidas quando se utiliza a abordagem convencional do desenvolvimento, reduzida ao uso da inovação tecnológica associada a crescimento econômico. Uma abordagem agroecossistemêmica exige não só nova prática aos agentes do processo, principalmente para os técnicos, como um outro fundamento, ou seja, uma nova base epistemológica.

II. A necessidade da “nova episteme”.

A nova base epistemológica significa repensar a estrutura da produção do conhecimento e questiona o monopólio da ciência sobre o conhecimento válido, assim como a tecnologia como motor do desenvolvimento na agricultura. Como fundamento, significa romper com as tradições empírica, racionalista, positivista e mecanicista que dominam as estruturas de P&D. Ao fazê-lo, incorpora uma visão mais aberta da ciência, de suas estruturas e da própria sociedade. Como princípios, aplicados ao desenvolvimento rural, da agricultura familiar em particular, propõe o uso da interdisciplinariedade, da participação e do diálogo de saberes em lugar da pretensa busca do conhecimento neutro, objetivo e universal. O que implica também a incorporação de uma nova ética.

¹ Pesquisador da EMBRAPA Pecuária Sul, Bagé, RS. Doutorando na Universidade de Córdoba, Espanha. mborba@cppsul.embrapa.br

² Pesquisador da EMBRAPA Clima Temperado, Pelotas, RS. Doutor em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável. costa@cpact.embrapa.br

III. A visão mais flexível do método

Nesta perspectiva, o método passa a ser visto como parte do processo e não como único caminho para obtenção do conhecimento. Perde sentido a falsa dicotomia entre metodologias qualitativas e quantitativas, entre ciências sociais e naturais. A flexibilização metodológica significa a utilização das possibilidades oferecidas pela correta aplicação de técnicas e metodologias parciais, inclusive do delineamento experimental clássico submetido à prova estatística, numa perspectiva fundamentada pela outra base epistemológica. O uso flexível do método implica a adoção de um marco epistêmico cuja ética é orientada para a democratização da ciência e o empoderamento dos atores sociais. Neste contexto teórico metodológico é que ganha sentido o uso da observação participante, dos diagnósticos participativos, da análise de paisagem, redes de referencia, etc. Quando utilizados de forma isolada e aleatória, por si só, estes instrumentos metodológicos não garantem nem uma ciência mais democrática, nem o empoderamento dos agricultores familiares.

IV. A questão tecnológica

é analisada do ponto de vista do conjunto das práticas usadas no manejo do agroecossistema. A falência do modelo produtivista da agricultura produziu como alternativa a proposta da transição agroambiental. No modelo produtivista os agricultores são dependentes de insumos e energia. A transição parte do pressuposto que o correto manejo dos recursos naturais, incluindo trabalho, energia, produção é o que garante a sustentabilidade da agricultura.

Para o caso de SBV, a não adesão ao modelo produtivista permitiu a manutenção de recursos e formas particulares de uso, propiciando as condições para a existência do que se poderia denominar de “agricultura ecológica por contingência”, onde práticas recomendadas para o processo de transição agroambiental são de domínio dos agricultores. Para o caso específico, a articulação de tecnologias produzidas no sistema convencional com os conhecimentos tradicionais dos agricultores pode facilmente ser instrumento de consolidação do processo de transição, ou seja, os formatos tecnológicos orientados para a sustentabilidade na visão agroecosistêmica necessitam do “diálogo de saberes”.

V. Praxis: do conceitual para a prática.

A utilização de outra base epistemológica, de uma visão mais flexível do método e da transição agroambiental estão sendo aplicados em Santana da Boa Vista, RS. A utilização de um conjunto de instrumentais metodológicos na abordagem de um agroecossistema considerado marginalizado está permitindo a construção de uma proposta alternativa de desenvolvimento para agricultores familiares, considerados pobres desde uma visão convencional, em cuja base está

sua história, suas formas de apropriação da natureza, sua cultura, seus conhecimentos, etc.

Do ponto de vista da história local, foi possível redescobrir práticas (manejo da biodiversidade, uso de técnicas tradicionais, exploração das matas nativas e dos animais silvestres); atividades econômicas, estruturas produtivas e organizacionais (culturas do trigo e da cana associadas a moinhos, azenhas e engenhos). Do ponto de vista cultural, persistem técnicas de construção (casas de barro cobertas de palha), manejo dos recursos naturais (uso de madeira para energia, construções, caça, coleta, uso de plantas medicinais, etc.). O uso racional dos recursos locais (tração animal, energia, insumos, trabalho, produção para auto-consumo, etc.) ao mesmo tempo em que caracteriza o atraso na visão convencional, produziu um alto grau de independência e de manutenção de cultura, recursos genéticos e naturais, por exemplo. Ou seja, elementos importantes para a sustentabilidade nas suas dimensões econômica, social e ambiental. Esta constatação só foi possível pela abordagem do agroecosistema a partir de um novo enfoque metodológico e conceitual (nova episteme e flexibilização metodológica na perspectiva da transição agroambiental).